



UM
CONTO

O
CHAMADO

CHRISTIE GOLDEN

HISTÓRIA
CHRISTIE GOLDEN

ILUSTRAÇÃO
OGNJEN SPORIN

EDITORIAL
CHLOE FRABONI, ERIC GERON

CONSULTORIA DE HISTÓRIA DO JOGO
COURTNEY CHAVEZ, SEAN COPELAND

CONSULTORIA CRIATIVA
STEVE AGUILAR, ELY CANON, STEVE DANUSER,
CHRIS METZEN, STACEY PHILLIPS, KOREY REGAN

PRODUÇÃO
BRIANNE MESSINA, AMBER PROUE-THIBODEAU,
CARLOS RENTA

DESIGN
COREY PETERSCHMIDT, JESSICA RODRIGUEZ



© 2024 Blizzard Entertainment, Inc., Blizzard Entertainment e o logo da Blizzard Entertainment são marcas comerciais ou marcas registradas da Blizzard Entertainment, Inc., nos EUA ou em outros países.



O vento acariciou o rosto barbado do recém-chegado, que permitiu que os olhos, famintos de verdor e da maciez da terra, se refestelassem.

O Vale Trovamare já servira de lar aos sábios das marés, magos cujo domínio das águas e do vento protegera navios e marinheiros por várias gerações. No entanto, a beleza daquele povoado à beira do mar reluzente não era a de um monumento majestoso ao poder da magia. Estava mais que evidente que aquela região era o celeiro de Kul Tiraz. Ali o vento e a maresia murmuravam entre a cevada e o trigo, e a única magia era aquela da água e dos moinhos, que estalavam dia e noite, transmutando elementos em energia para atender às necessidades do povo e matar sua fome.

O barulhinho gostoso dos moinhos cantava promessas de novos começos.

E o rebrantar das ondas lá embaixo, perto da gruta onde jaziam seus pertences, falava de um encerramento.

As últimas andanças de Anduin Wrynn não o haviam levado a lugares tranquilos. Ele sabia que aquilo era uma tentativa de expiação, de expurgar mente e alma, de queimar os pecados em lugares cuja paisagem refletiam sua própria angústia.

Meus amigos... os que eu quase matei. Acreditam que trago as mãos limpas. Mas não é isso o que eu sinto.

Passados anos da confissão, o sentimento perdurava.

As mesmas mãos que um dia a Luz Sagrada aquecera. Que haviam curado corpo e alma. Que protegeram um reino, um mundo.

Mãos que agora se abriam e fechavam. O homem e as mãos ansiosos, agitados.

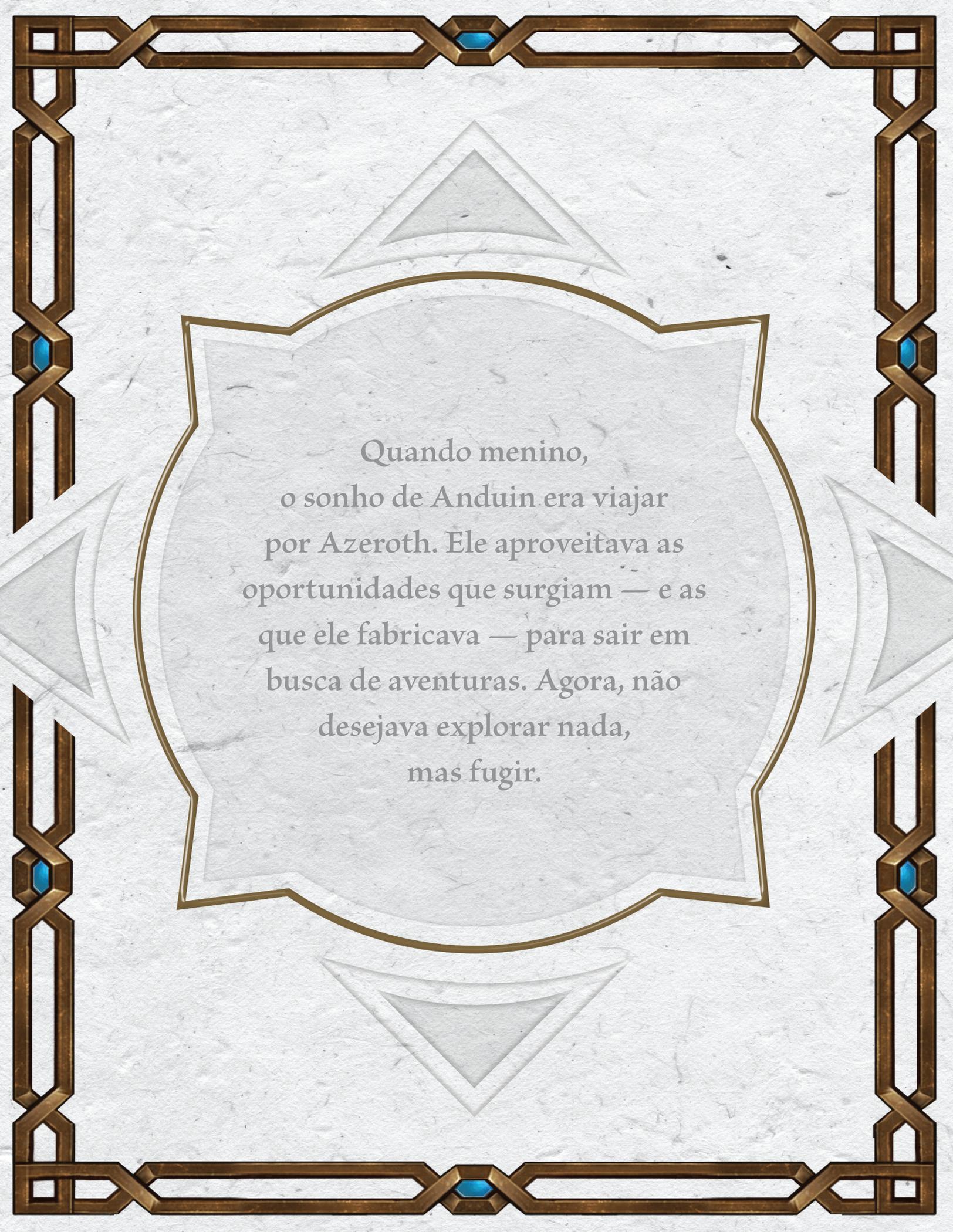
Quando menino, o sonho de Anduin era viajar por Azeroth. Ele aproveitava as oportunidades que surgiam — e as que ele fabricava — para sair em busca de aventuras. Agora, não desejava explorar nada, mas fugir. Andando a esmo, sozinho, agarrava-se a qualquer coisa que lhe garantisse um prato de comida e pouso, ainda que o sono se mostrasse traiçoeiro. Os sonhos se tornavam pesadelos aterrorizantes, dos quais Anduin amiúde acordava aos gritos. Não descansava e nem ao menos conseguia se esquecer de si.

De certa forma, a mente desperta era mais amiga. Por muitos lugares haviam pisado os pés de Anduin, mas as lembranças que trazia deles eram vagas. Às vezes lhe vinham à mente na forma de momentos em que parecia reviver tudo aquilo que mais desejava esquecer, sendo a recordação ainda mais aterrorizante do que a ferida original.

Mudar de ares ajudava, assim como aprender coisas novas. Manter as mãos ocupadas, brincar de esconde-esconde com os demônios internos, que eram muito piores do que os externos. Sempre seguindo adiante e adiante.

Anduin passara a viagem inteira para Kul Tiraz ensimesmado, como sempre. Ficava na cabine, aventurando-se a sair no convés somente quando as paredes ameaçavam esmagá-lo e um odor de medo e suor impregnava tudo. Observava calado como os marinheiros atavam os nós e depois os reproduzia — uma técnica que levaria da viagem. Atracado o navio, Anduin enfurnou-se num canto escuro duma taberna e pediu uma tigela de ensopado.

Buscar consolo no fundo de um caneco não era do seu feitio. Reconhecia que era tentadora a ideia de beber até afogar os pesadelos em que seu corpo se mexia contra sua vontade, em que via suas mãos empunharem a lâmina corrompida de seu pai. Mas sabia que a única coisa pior do que conviver com aquelas lembranças seria perder o controle sobre si mesmo.

The page features a decorative border with a repeating geometric pattern in a dark brown color, accented with small blue gemstones at the corners. The background is a light, textured parchment. In the center, there is a large, irregularly shaped frame with a gold border, containing the text. The text is centered within this frame and reads:

Quando menino,
o sonho de Anduin era viajar
por Azeroth. Ele aproveitava as
oportunidades que surgiam — e as
que ele fabricava — para sair em
busca de aventuras. Agora, não
desejava explorar nada,
mas fugir.

Anduin engoliu a refeição sem sentir o gosto, enquanto ouvia as novidades, fofocas, quem precisava do que e onde, e soube que o Vale Trovamare florescia a tal ponto que faltavam braços fortes dispostos a ajudar nos roçados, na colheita e na moenda dos grãos.

A longa caminhada de Boralus até o vale o havia acalmado, afastando-se passo a passo da confusão do porto rumo ao silêncio, tranquilidade e ritmo constante do mar.

“Essa é a minha vista favorita”, disse alguém às suas costas.

Anduin se virou no ato, procurando uma espada ausente, a espada que estava devidamente escondida na gruta sob seus pés. A espada que pairava sobre sua mente e coração. Ao notar-lhe o susto, a figura que se aproximava, um homem de meia-idade, mostrou a mão vazia e sorriu para acalmá-lo. Tinha olhos azuis muito claros, e o pouco cabelo que lhe restava era todo grisalho.

“Peço perdão. Parece que, mesmo com a perna assim, ainda ando sem fazer barulho.” A um gesto do sujeito, Anduin viu pela forma como ele mancava, apoiando-se num cajado, que havia quebrado a perna bem feio e que jamais havia se recuperado.

Eu podia ajudá-lo, pensou ele, depois lembrou que aquele tempo já havia passado.

O homem prosseguiu: “Pedi minha mulher em casamento aqui. Vi meu último pôr do sol antes de partir para a Quarta Guerra, e o primeiro quando cheguei em casa. Se você tivesse visto o que eu vi...” Ele suspirou e calou-se. Anduin ficou aliviado pelo estranho ter deixado a frase no ar. “Ora, o coração anseia por silêncio. Beleza e simplicidade. Coisas que crescem e se transformam, e coisas que perduram. Meu nome é Rodrik Feldon, aliás.”

“Jerek.” Anduin se valia desse codinome desde muito novo, em tempos mais simples, quando queria fugir das responsabilidades. As coisas de que fugia agora eram bem mais sinistras. “Eu estou procurando trabalho.”

“E eu, ajuda. Qual é a sua vocação, Jerek?” A pergunta casual foi inesperada, e, por um instante, Anduin ficou sem ar.

Vocação.

Ele pensou no sacerdócio e em Aerin Manopedra, a jovem guerreira de Altaforja incumbida de instruí-lo na arte da espada. Ela prometeu temperá-lo à maneira dos ferreiros enânicos, mas acabou se dando conta de que o príncipe não servia para

provocar dor. Para ferir. Passou a acreditar que Anduin prosperaria a serviço da Luz. Assim como Magni Barbabronze.

E, por muito tempo, Anduin também. Sempre se sentiu atraído pela paz que aquela vida oferecia. Pela tranquilidade.

A vida inteira, sempre quis paz, pensou ele. E a vida inteira, nunca a tive.

A relva à beira do mar. A vastidão do céu, dos campos. Trabalho braçal pesado. Talvez aquele lugar e aquele serviço o ajudassem.

A Luz sabia que nada mais tinha dado resultado.

Então, Anduin caiu em si e se deu conta de que Rodrik esperava uma resposta. “Sou pau para toda obra”, respondeu ele. Diante do olhar intrigado de Rodrik, acrescentou: “Aprendo rápido, consigo carregar peso e sou trabalhador.”

O homem reparou que Anduin trazia o manto esfarrapado, as botas enlameadas, a barba desgrenhada e os cabelos sujos. “Parece que a estrada foi longa, meu filho. De onde você vem?”

Anduin se eriçou, alerta. “Que diferença faz?”

Rodrik lançou-lhe um olhar demorado, ponderando a situação. “Você parece meio tenso”, comentou ele. “E com fome. Aqui. Isso vai ajudar.” Então pegou na bolsa um pedaço de pão.

Anduin o tomou nas mãos. Ainda estava quentinho, e só de sentir o cheiro seu estômago roncou. Rodrik apontou o queixo para os moinhos de vento que polvilhavam a paisagem. Por detrás das pás que giravam e rangiam, via-se um moinho de água solitário ao longe. Um canal direcionava o rio para uma roda imensa. Sacos de trigo e cevada se amontoavam ao seu lado, à espera de serem moídos, e as galinhas ciscavam com empenho os grãos caídos pelo chão. Não muito longe dali, via-se uma cabana pequena e simpática, onde pastavam um cavalo, uma cabra e um cabritinho.

“O moinho de água é meu. Você vai ganhar bastante pão e leite de cabra. Ovos também, se conseguir afugentar a raposa. Você vai ter que ser trabalhador, como disse, mas vai receber bem. Vai precisar aprender, lógico, mas, se for inteligente, não vai demorar muito. Depois, eu venho lhe trazer mantimentos uma ou duas vezes por semana.”

Então, Rodrik foi enumerando os afazeres: cuidar das mós, produzir a farinha, fazer a manutenção do maquinário, anotar os pedidos...

“Espere”, interrompeu-o Anduin. Ele sentiu a garganta apertar, não havia pensando direito naquilo. “Os agricultores vão trazer os grãos *aqui*? Quantos? Com que frequência?”

Então se deu conta de que já alteava a voz e sentiu a palma das mãos suadas de ansiedade. Queria se isolar, mas parecia que ali teria o exato oposto disso. Anduin sentiu-se retraído, como se, uma por uma, as portas fossem se fechando dentro dele. Aquele lugar, por mais agradável que fosse, talvez não tivesse a sua solução.

“Ah, toda hora aparecia alguém me procurando, mas eu e minha família nos mudamos para o vilarejo depois da guerra. Minha esposa tem uma padaria agora. Eu cuido do serviço chato e atendo os pedidos. Deixei o trabalho pesado para os jovens, que são mais fortes.” Rodrik riu, melancólico. “A ideia era boa na teoria, mas ninguém dura muito tempo. As pessoas se sentem sozinhas, pelo que dizem...”

“Eu aceito.”



Conforme Rodrik havia avisado, havia um treinamento — e não era pouco. O velho o ensinou a “ouvir” o moinho para saber quando havia algo de errado e como consertar seus complexos mecanismos. A avaliar a farinha pela “régua do moleiro” — sentindo-a entre o dedão e o indicador — e a inspecionar as mós. A ordenhar a cabra, selar o cavalo e preparar uma armadilha para pegar a raposa se ela estivesse perturbando as galinhas.

Anduin prestava atenção em tudo. Quanto mais rápido Rodrik julgasse que o aprendiz estava preparado, mais rápido Anduin teria sua privacidade. Só abria a boca para tirar dúvidas e responder o que lhe era perguntado, o que não incomodava Rodrik. Ele gostava de conversar, sobretudo sobre família: Vera, sua esposa, que além de administrar a padaria desempenhava a função de padeira, Ben, seu filho, dez anos mais moço que Anduin, e Cynda, sua filha.

“Ela ainda é criança, mas tem mais juízo que muito adulto. Puxou à mãe.” E o pai sorria, com os olhos cheios de orgulho.

Anduin nada dizia. Sua família era totalmente diferente da de Rodrik. A mãe morrera pouco depois de ele nascer, de forma violenta, o pai passara muitos anos abatido, distante, e outros tantos desaparecido. Quando Rodrik falava de sua participação na Quarta Guerra, Anduin se distanciava ainda mais.

“Quase não tinha soldados profissionais em Kul Tiraz antes de estourar a guerra”, contava Rodrik, enquanto Anduin sentia o ponto da farinha entre os dedos. “Fomos porque fomos convocados. Por estas bandas, quase ninguém tinha intimidade com armas de guerra. Somos agricultores, moleiros, apicultores. Você tinha que ver a primeira vez que empunhei uma espada!” Ele gargalhou, mas depois ficou sério, com um olhar sombrio. “Mas aprendi a manejá-la muito bem.”

Anduin ficou sem ar e sentiu o coração disparar.

Cadáveres sob panos brancos, dispostos sobre as tábuas velhas do porto. Um punhado de soldados encouraçados esperando para embarcar... e as palavras de Genn: “acabaram-se os soldados. Vamos ter que convocar os agricultores.”

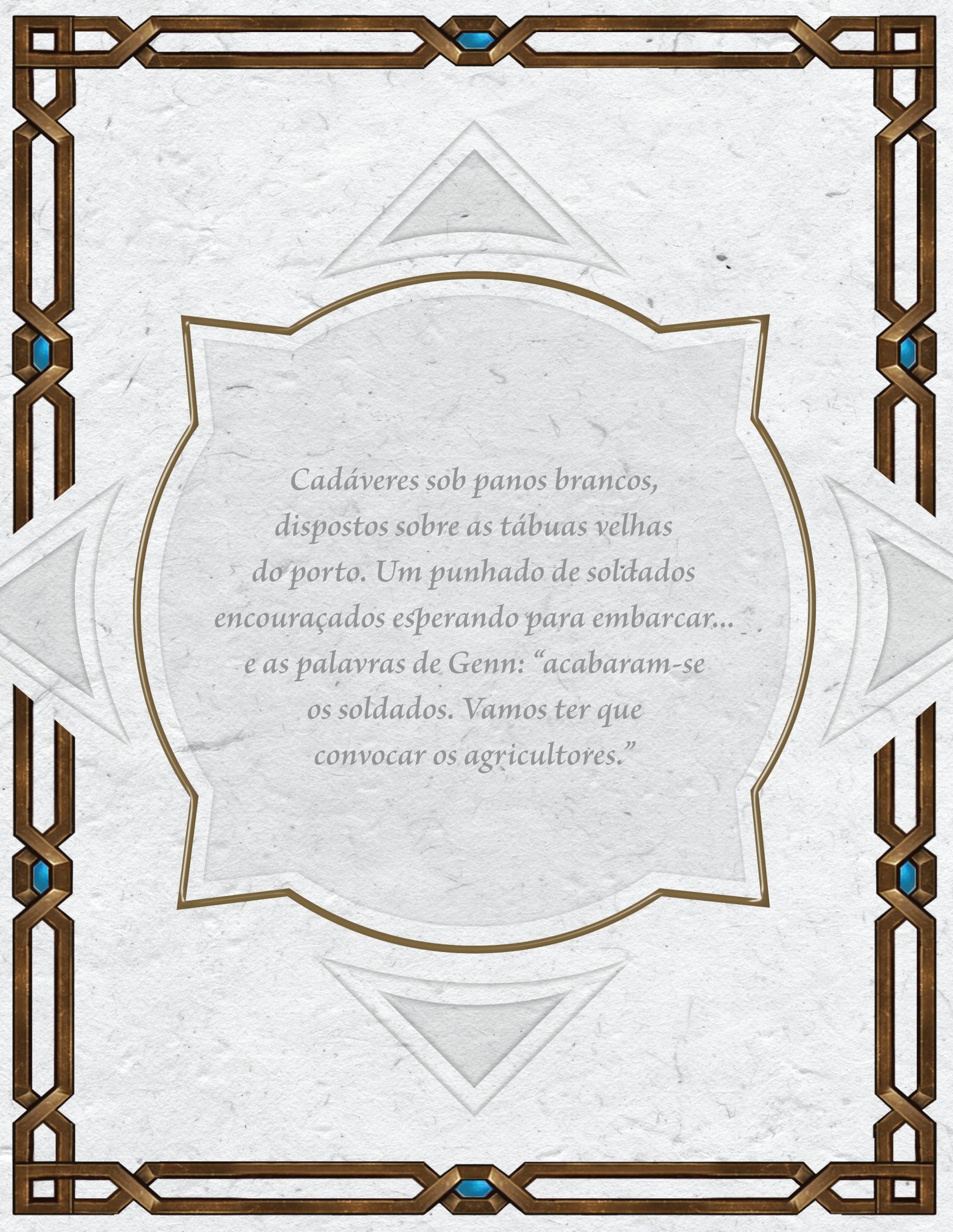
“Jerek?”

“P-perdão”, gaguejou Anduin, fitando o punho cerrado, cheio de farinha. Ele soltou a farinha no chão e, balbuciando um pedido de desculpas, saiu às pressas do moinho, com o peito apertado, implorando por ar.



Terminado o treinamento, os dias de Anduin foram preenchidos por uma rotina simples: carregar e despejar sacas de grãos no silo, ensacar a farinha, cuidar do equipamento e dos animais. No correr das horas se ouvia o chapinhar tranquilo e ritmado do moinho na água.

O único dos afazeres que Anduin havia negligenciado era a armadilha da raposa. Até então, ela havia deixado as galinhas em paz, e Anduin não gostava nada da ideia de



*Cadáveres sob panos brancos,
dispostos sobre as tábuas velhas
do porto. Um punhado de soldados
encouraçados esperando para embarcar...
e as palavras de Genn: “acabaram-se
os soldados. Vamos ter que
convocar os agricultores.”*

matar uma criatura, muito menos por algo que ela *poderia* vir a fazer. Estava ciente de que não tinha como vigiar as aves o tempo todo e de que as raposas às vezes saíam para caçar durante o dia.

No começo, só ouvia o bicho regougar e grunhir na hora do crepúsculo. Depois, nas noites em que ficava admirando as estrelas, às vezes via, além do alcance da luz da fogueira, um vulto e um par de olhos brilhantes que o analisavam sem o menor sinal de medo. Uma noite, por impulso, cortou um pedaço de carne que tostava ao fogo.

“Ei. Raposa”, chamou ele, jogando-lhe a carne. O bicho saiu da escuridão, confuso, mas logo percebeu o erro. Abocanhou o naco de carne e sumiu.

Na noite seguinte, no entanto, voltou e sentou-se graciosa com as patinhas dianteiras juntas, envolvidas pela cauda felpuda, como se estivesse se apresentando ao homem.

“Não posso ficar lhe dando de comer, raposa”, avisou Anduin. As orelhinhas dela se remexeram ao ouvi-lo. Estranho, escutar a própria voz. Ela falava o mínimo possível com Rodrik. De resto, ficava calado o tempo todo.

Uma língua rosada veio à tona para lambe o focinho sujo.

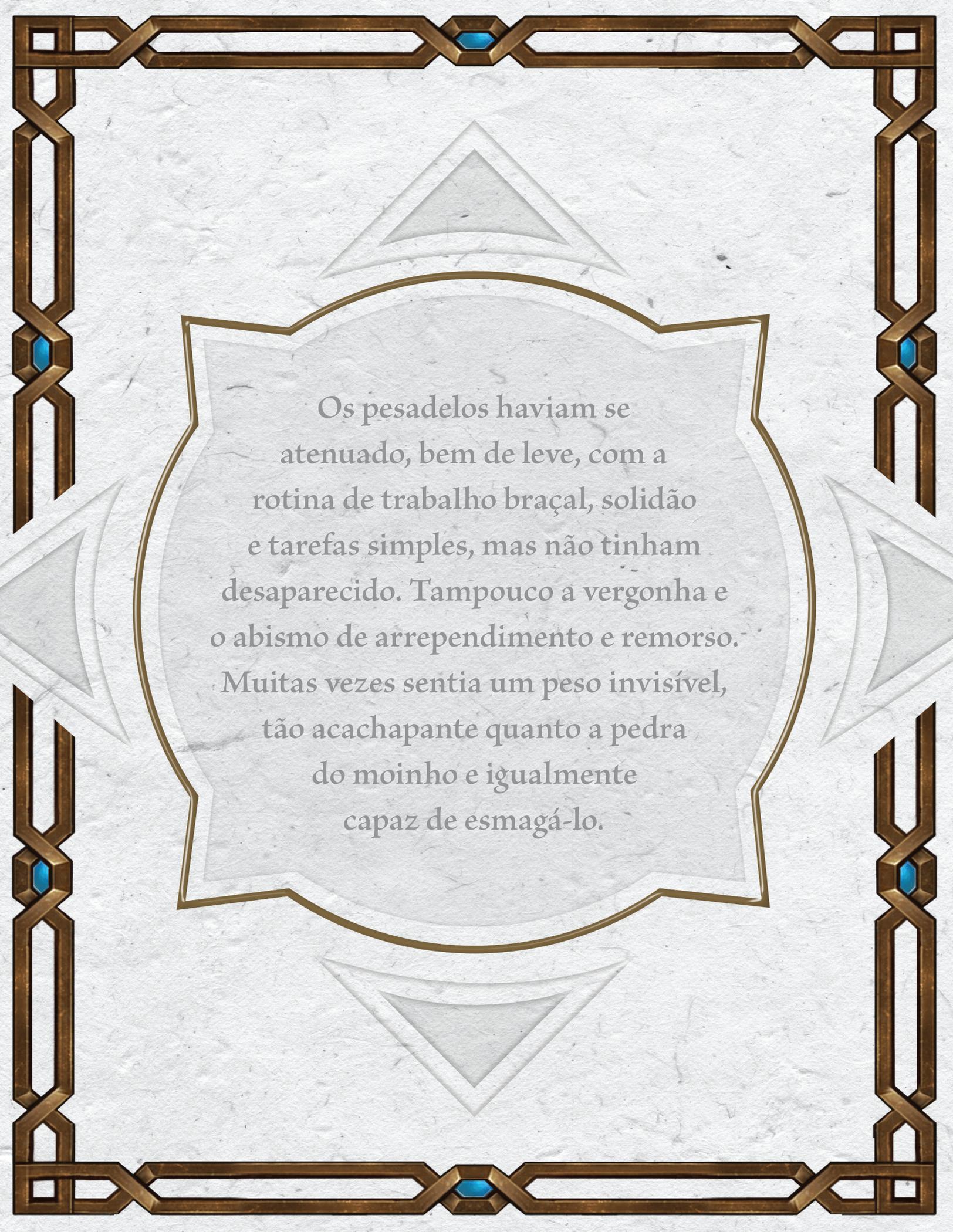
Não posso ficar lhe dando de comer, pensou Anduin, mas deu e ficou se perguntando por quê.

Os pesadelos haviam se atenuado, bem de leve, com a rotina de trabalho braçal, solidão e tarefas simples, mas não tinham desaparecido. Tampouco a vergonha e o abismo de arrependimento e remorso. Muitas vezes sentia um peso invisível, tão acachapante quanto a pedra do moinho e igualmente capaz de esmagá-lo. Não, era melhor viver um dia de cada vez, uma hora de cada vez. Uma tarefa de cada vez.

Manter as mãos ocupadas.

Anduin ansiava pelas noites em que ficava exausto a ponto de nem sequer sonhar. O conteúdo dos sonhos variava, mas havia uma constante: a violência. A violência *dele*. Anduin ficava impotente nesses sonhos, como ficara ao cometer as brutalidades que cometera. Às vezes os sonhos assumiam a forma de um flashback, paralisando-o num estado de pavor entre o passado e o presente.

Os sonhos eram aterrorizantes quando o deixavam arrasado e trespassado pela culpa.



Os pesadelos haviam se atenuado, bem de leve, com a rotina de trabalho braçal, solidão e tarefas simples, mas não tinham desaparecido. Tampouco a vergonha e o abismo de arrependimento e remorso. Muitas vezes sentia um peso invisível, tão acachapante quanto a pedra do moinho e igualmente capaz de esmagá-lo.

E ainda piores quando nem isso suscitavam.



Tuc.

O machado cravou-se na madeira, partindo-a ao meio, conforme Anduin executava o movimento bem praticado. Golpear. Recuar. Golpear. Recuar. Outro toco.

Tuc.

Golpear.

Formas diminutas, asas diáfanas, tão frágeis, os olhos grandes arregalados de terror...

Recuar.

Tuc.

A espada, tão parecida com a que brandia seu pai, mas corrompida, profanada. Seu brilho não era vermelho nem dourado, mas azul — chegava quase a ser bela, não chegava? Num golpe, a lâmina serrilhada perfurava e depois vinha serrando tudo, os olhos vagos e arregalados, e o grito, melodioso, abominável, o grito...

Anduin cambaleou, a garganta seca, boquiaberto e ofegante. O toco aos seus pés não havia sido partido, mas reduzido a pequenas lascas. Com a mão ainda envolta no cabo do machado, dolorida, exangue, atirou a ferramenta longe como se tivesse se queimado. Ela caiu no chão inofensiva, mas Anduin não tinha nem sequer olhado antes de arremessar.

Sentiu as pernas bambearem e desabou, apoiando as mãos trêmulas naquela terra fértil e boa. Não se podia confiar nele. Nem ele sabia quando perderia o controle.

Os pensamentos, como predadores que farejam o medo, apossavam-lhe a mente. *E se eu chamar a Luz e Ela não me responder?* Não sentiu nem um toque, o menor sinal Dela. Até mesmo a dor nos ossos curados pela Luz se esvaíra e, junto dela, a esperança de orientação.

Quem de nós — o Carcereiro, a alma na pedra ou eu — sentia aquele êxtase horrendo?

E se eu tirar uma vida e sentir prazer nisso?

Anduin cravou os dedos bem fundo no solo, aterrando-se como podia, e respirou funda e lentamente um par de vezes. Os pesadelos lúcidos eram mais raros do que os noturnos, graças à Luz. À noite, a chance de machucar alguém era menor. Ele tinha tido muito sorte agora. Poderia ter danificado alguma coisa, machucado os bichos ou até pior... Rodrik não havia passado ali naquele dia. E se tivesse resolvido aparecer bem no instante do torpor, se tivesse se acercado de Anduin com seu passo leve?

Anduin se pôs de pé, deu um gole sedento no odre, limpou o rosto e fitou a estrada com uma careta. Como se essa fosse sua deixa, Rodrik surgiu com os mantimentos que trazia duas vezes por semana. Não havia nada de estranho nisso, mas o céu já se arroxava.

Anduin lavou as mãos, o rosto e se preparou, torcendo para não deixar transparecer sua aflição. Ele faria de tudo para abreviar o encontro.

“Chegou mais tarde hoje”, comentou, enquanto o homem começava a descarregar a carroça. “Não vai se atrasar para o jantar?”

“Hoje, não.” Rodrik deu um sorriso maroto e desceu do veículo com cuidado. “Espero que esteja com fome. Hoje, meu amigo, nós vamos jantar o ensopado de primavera e a torta de frutas silvestres de Vera Feldon, famosos no mundo inteiro.”

“Não, não, imagine, não precisa...”

Rodrik foi manquejando até Anduin. “A comida saiu do forno não tem nem uma hora. Você não vai me fazer voltar e dizer a Vera que não lhe dei de comer, vai?”

Era evidente que a única reação possível era aceitar. Enquanto Anduin ajeitava os mantimentos, Rodrik foi acendendo o fogo dentro da cabana.

“Não”, disse Anduin. Ele não queria ficar num espaço confinado naquele instante. “Vamos comer lá fora.”

Após uma breve pausa, Rodrik aquiesceu e saiu para a área da fogueira. Assim que Anduin despontou da cabana, Rodrik gritou: “Você vai ter que providenciar aquela armadilha.”

“Está tudo bem”, respondeu Anduin. “A raposa é tranquila.” Como que para confirmar isso, o bicho regougou e foi para perto dele. Ainda não sei deixava afagar, mas

desde que Anduin passara a alimentá-la pela manhã, a raposa dera para ficar atrás dele durante o dia. “Ela pega os ratos no moinho e não perturba as galinhas.”

“Ainda”, resmungou Rodrik. “Ela tem nome?”

“Não.”

Nomes têm peso. São sinal de afeto, vínculo. Anduin não daria nome à raposa.

O moleiro colocou um caldeirãozinho sobre o fogo e desembrolhou o pão e o queijo. E, como Anduin já esperava, pôs-se a falar. Primeiro sobre o pão: era especial, feito com ervas. Como o Festival da Colheita seria dali a algumas semanas, Vera fez um experimento.

Nada de anormal no assunto, mas Anduin notou que havia algo... *estranho* em Rodrik naquela noite. A simpatia dele parecia forçada. Os dois comeram em silêncio, mas quando Anduin foi servir a segunda porção, Rodrik lhe fez uma pergunta a um só tempo inocente e agonizante.

“Você... lutou na guerra?”

Anduin engoliu em seco, paralisado. Ah, sim, ele lutara na guerra. Inclusive, era como se a guerra tivesse sido travada *dentro* dele. Não conseguiu falar, mas fez que sim com a cabeça.

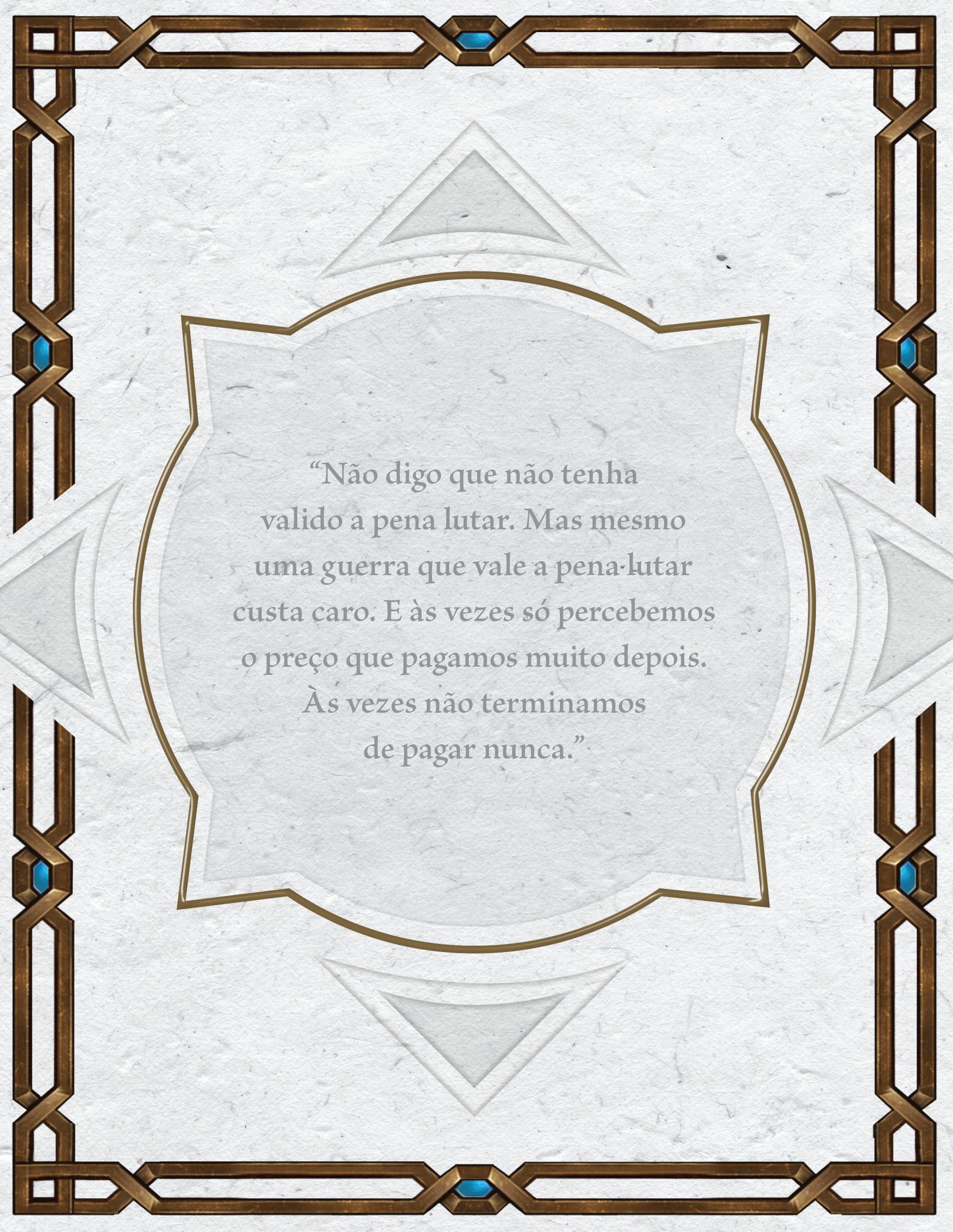
“Não digo que não tenha valido a pena lutar. Mas mesmo uma guerra que vale a pena lutar custa caro. E às vezes só percebemos o preço que pagamos muito depois. Às vezes não terminamos de pagar nunca.”

Anduin fitou a tigela, que esfriava no seu colo. Momentos atrás, estava morto de fome, mas agora a comida caía-lhe como uma rocha no estômago. Um suor frio começou a porejar dele.

“Coisas que não eram para incomodar a gente... incomodam. Como uma fogueira ao ar livre. Houve uma época em que eu não conseguiria sentar aqui, como estou agora. Ainda não gosto muito, mas já melhorou.” Ele inspirou, prendeu o ar, depois soltou bem devagarinho. “Respirar assim ajuda. E mexer o corpo também.”

O corpo dele, movendo-se contra a sua vontade. Anduin respirou fundo.

“Eles nos emboscaram no acampamento. De repente, três amigos meus estavam



“Não digo que não tenha
valido a pena lutar. Mas mesmo
uma guerra que vale a pena lutar
custa caro. E às vezes só percebemos
o preço que pagamos muito depois.
Às vezes não terminamos
de pagar nunca.”

cravados de flechas. Lutar no escuro, os trolls muito maiores do que nós. Quem tentasse enfrentar aquilo...” Então, Rodrik fez uma pausa. Seu rosto empalideceu, mesmo à luz da fogueira, e ele começou a tremer. “Nós fugimos. Não havia alternativa. Para *mim* não havia. Mas não devia ter deixado os outros para trás. Eu... sonho com isso às vezes.”

A Régio Lamento, com seu brilho azul glacial. A bênção do esquecimento lhe foi negada para que Anduin pudesse ver, compreender — a arma no próprio punho, ele desferindo o golpe, o signo...

“Levei muito tempo para falar disso até mesmo com Vera...”

Anduin se levantou de supetão, a tigela caindo do seu colo. “É melhor você voltar, está tarde”, recomendou ele, com a voz trêmula. E foi-se embora pisando firme, pondo-se a correr à medida que avançava, com a raposa logo atrás. Fugia da dor e da verdade de Rodrik — e dele próprio.



“O Festival da Colheita é amanhã”, avisou Rodrik duas semanas depois, logo que Anduin terminou de carregar a carroça com várias sacas de farinha. “Vera faz uma sobremesa especial para a ocasião. É frita na hora e servida com bastante açúcar.”

Anduin conhecia a iguaria. Já praticamente sentia o cheiro de fritura, de açúcar, a boca salivando.

Varian, rei, pai, suas mãos grandes e fortes cobertas com aquele pó adocicado. “Aqui você pode lamber os dedos, filho. Os modos são para os jantares formais, não para os festivais.” A explosão de sabor na língua, ao som da música e das gargalhadas...

Rodrik devia ter notado sua retração. “Você não precisa ir, claro, mas nós gostaríamos muito.”

“Vamos ver”, balbuciou Anduin. Os dois sabiam o que aquilo queria dizer.

A carroça já estava carregada, mas Rodrik, já no banco do condutor, não bateu as rédeas para que a égua partisse. Anduin ficou tenso.

“Jerek... a respeito da nossa última conversa...”

A vergonha tomou conta de Anduin. “Desculpe, eu...”

“Não, não, *eu* é que peço desculpas. O erro foi meu.”

Anduin ficou calado, confuso. Rodrik balançou a cabeça calva, melancólico. “Eu me vejo em você, Jerek. Nas vezes em que fica nervoso, perde o ar ou só quer que eu vá embora. Reconheço quando você treme e sua e parece ver coisas que eu não vejo. Queria que soubesse que não julgo ninguém pelo estrago que aquela guerra, ou qualquer outra coisa, possa ter causado, por isso contei minha história. Parte dela, pelo menos. E isso fez com que você se lembrasse da sua num momento em que não esperava.”

Anduin, o diplomata, o pacifista, que outrora teria refutado aquelas palavras com elegância e jurado que tudo estava bem, ficou mudo.

Rodrik lhe estendeu um pergaminho dobrado. “Eu escrevi algumas reflexões a respeito da minha experiência. Coisas que aprendi que talvez possam ajudá-lo. Você não precisa ler, nem precisa dizer nada. Mas se quiser dizer... saiba que estou aqui.”

Anduin engoliu em seco. Deu um passo adiante, cauteloso, tal como a raposa se portava no princípio. Sentiu a aspereza do pergaminho ao tomá-lo nas mãos.

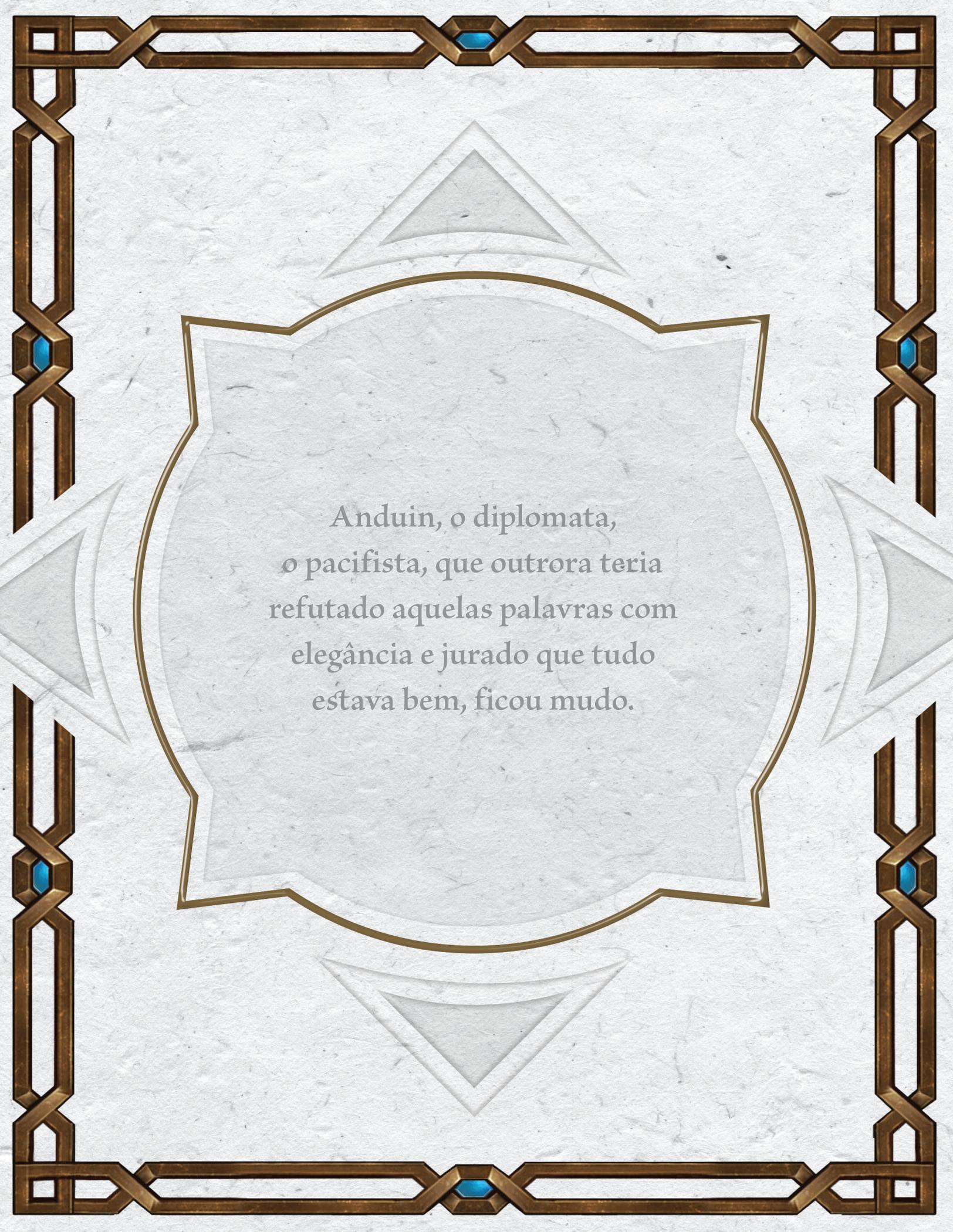
Então, Rodrik relaxou e abriu-lhe um daqueles seus sorrisos fáceis. “Vou pedir a Vera para lhe guardar algumas quitandas”, disse ele, estalando a língua. A égua relinchou, balançou a crina e foi-se embora trotando pela estrada.

Anduin olhou para a carta, guardou-a no bolso sem ler e levantou uma saca de grãos.



O dia seguinte amanheceu perfeito para um festival de outono, fresco e ensolarado. O calor do sol apaziguava o friozinho que já anunciava o inverno por vir. Anduin passou a manhã inteira dentro do moinho, mexendo nas engrenagens. Só quanto terminou é que saiu ao ar livre.

Ao longe, nuvens negras e acinzentadas e fumaça turvavam o céu. O festival. Rodrik. Um instinto forte — a necessidade de ajudar — conduziu os próximos gestos de Anduin, e antes que ele se desse conta do que fazia, já havia montado na égua e a botado para galopar a toda a velocidade.



Anduin, o diplomata,
o pacifista, que outrora teria
refutado aquelas palavras com
elegância e jurado que tudo
estava bem, ficou mudo.

Rumo ao seu amigo — e à família dele. Anduin se preparava para uma cena de caos. Rodrik tinha falado de fritura — podia ter acontecido um acidente, um fogo que se espalhara de um fogareiro improvisado. Anduin podia e *iria* ajudar.

Mas a coisa não era tão simples.

Um incêndio infernal devorava tudo. Em meio à fumaça, Anduin entrevia as estruturas do festival já consumidas, algumas reduzidas a esqueletos de fogo, à beira do colapso. Até os estandartes estavam em chamas. Anduin ficou paralisado, quase hipnotizado, vendo a bandeira da Casa Trovamare se retorcer, carbonizando-se em meio às labaredas.

Vultos pelo chão — corpos. Um totalmente carbonizado, feito a carne que se esquece por tempo demais no espeto. Gritos à esquerda, duas figuras protegidas por uma cobertura emergindo da fumaça preta.

Esperando, observando da segurança de Ventobravo, enquanto a Árvore do Mundo queimava e muita gente tentava fugir por poucos portais...

Anduin deu um grito de susto: sua égua empinou aterrorizada e o derrubou no chão. Ele bateu a cabeça em algo duro. Por um instante, tudo ficou branco e então foi se dissolvendo em clarões de luz, estrelas. Anduin tentou se levantar, mas o mundo girava. Não viu mais as duas figuras, mas sim uma mulher saindo aos tropeções da fumaça que tudo engolia. Pensou ter visto alguém atrás dela de relance, desaparecendo logo em seguida. Talvez não fosse ninguém. A mulher carregava uma criança, protegendo-a como podia...

A criança, concebida por uma rainha, levada a uma sacerdotisa, a última sobrevivente...

A mulher desabou feito uma rocha. O bebê chorava e tossia. Mais gritos. Risos. Berros.

Sua cabeça latejou de dor. Anduin tampou os ouvidos, sujando os dedos de sangue. Olhou ao redor desesperado, tentando se concentrar sem êxito. As tosses que sacudiam seu corpo só aumentavam a aflição, o fedor de sangue e a cacofonia do massacre faziam seu coração martelar o peito.

As estrelas começaram a sumir, e Anduin vislumbrou carroças repletas de comida e suprimentos, estacionadas, mas fora do alcance das labaredas vorazes. Quando os

condutores enfim permitiram que os cavalos ensandecidos partissem, as carroças saíram em disparada. Alguns invasores ainda ficaram. Mal se podia vê-los em meio à fumaça, à procura de confusão, e então...

Rodrik.

Anduin se contorceu todo. Seus membros não o obedeciam, e por muito pouco ele não apagou quando tentou se erguer. Então se pôs a rastejar, o rosto rente ao chão, respirando com dificuldade. Tudo dentro dele gritava: *Fuja! Fuja!*

Mas ele cerrou os dentes e, ao som de mais gritos, obrigou-se a seguir adiante.

Parecia impossível, mas saiu ainda mais gente do meio do incêndio. Alguns aos tropeções, como se tivessem sido empurrados. Como é que ainda estavam vivos? Fuligem, fumaça e lágrimas faziam arder os olhos de Anduin, mas ele achou bom, achou boa a dor, a vista turvada, pois assim não via como o fogo havia deformado aquelas pessoas.

O bebê ainda chorava e tossia quando alguém se abaixou para pegá-lo e sair correndo. Outra figura emergiu da imensa nuvem negra, queimada, mas não tanto quanto as outras. A pessoa — um *homem* — andava puxando a perna direita...

“Rodrik!” Anduin tentou gritar, mas só conseguiu soltar um grunhido rouco.

Ainda não é tarde. Eu ainda posso ajudá-lo. Eu...

Então, Rodrik desabou.

Anduin não soube como atravessou a distância que o separava do amigo caído no chão. Quando deu por si, estava ajoelhado ao lado do moleiro, contemplando-lhe a carne enegrecida, os olhos azuis no rosto enfarruscado, o sangue que jorrava entre seus dedos enquanto ele tentava estancar a hemorragia, e ia apelar a Ela quando...

Perdeu a voz, recolheu as mãos, o corpo trêmulo. Não seria capaz de ajudar Rodrik. Não naquele instante.

Anduin, faça alguma coisa. Faça alguma coisa...

“*Não consigo*”, rouquejou ele, repetidas vezes, aos soluços. Tornou a estender as mãos no rumo da ferida, para fazer as preces...

Ela não virá. Não para mim. Não mais.



*“Não consigo”, rouquejou
ele, repetidas vezes, aos soluços.
Tornou a estender as mãos no rumo
da ferida, para fazer as preces...*

*Ela não virá. Não para mim.
Não mais.*

Tornou a recolher as mãos inúteis, cerrando os punhos e golpeando as próprias coxas com toda a força da raiva, do desespero e do asco que sentia de si mesmo. “Sinto muito... Do fundo do coração...”

Um sussurro: “Está tudo bem...”

Anduin balançou a cabeça. A mão de Rodrik estremeceu e Anduin tomou-a nas suas, o coração dilacerado ao vê-lo gemer ao menor toque. O moribundo apertou-lhe a mão com ainda mais força. “Família... no vilarejo...” Um acesso violento de tosse ameaçou fazê-lo em pedaços, em meio ao sangue e às cinzas que irrompiam de sua boca. Ainda que lhe custasse toda sua energia, Rodrik pelejava para falar. Anduin o acalmou, dando-lhe paz pelo menos ali, no fim.

“Eu vou tomar conta deles”, garantiu. “Juro que vou...”

Rodrik ouviu a promessa. Seu corpo tenso e atormentado relaxou. Ele fechou os olhos e se foi.



Ben Feldon tinha os olhos do pai. E tinha também a antiga pistola do pai, que agora apontava para o estranho à soleira da sua porta.

Anduin, com as mãos para o alto, sabia bem o lugar que ocupava naquela cena: suas roupas ensanguentadas e sujas de cinzas. O sangue de Rodrik. Rodrik, que ele havia envolvido num cobertor chamuscado e deitado no chão com todo o cuidado antes de bater à porta dos Feldon.

“Eu sou o Jerek. Do moinho.”

Por sorte, Ben reconheceu o nome e baixou a pistola. Ele também trazia marcas do fogo, uma queimadura leve num braço e a camisa chamuscada. Deviam ter escapado enquanto Rodrik ficara para trás.

“Roddy?”

Uma mulher veio correndo, olhando para a rua, na esperança de ver o rosto de seu amado. *Vera*. Os cabelos pretos já se acinzentavam, mas não se viam marcas de expressão

no seu rosto... até seu olhar recair sobre o corpo do marido. Ao se dar conta do fato, a dor a envelheceu, apagando sua luz enquanto ela desabava ao lado do cadáver, tocava a forma inerte e baixava a cabeça.

Por um instante, Anduin pensou que não seria capaz de manter em pé sua muralha. Mas sabia que se ela caísse por terra, algo dentro dele desabaria feito as estruturas incineradas e reduzidas a pó do festival.

“Obrigada, meu filho.” Falava com uma voz trêmula, mas gentil. “Obrigada por trazê-lo de volta. Ele... jurou que voltaria para casa.”

“Por que não me deixou ir com ele?” A voz de Ben estava carregada de dor e raiva.

“Ele queria a nossa segurança.”

“Podíamos estar *todos* em segurança, mas ele *tinha que...*” Então o rosto de Ben se crispou e ele desviou o olhar.

Rodrik, o soldado, que havia sido emboscado no acampamento. Que, desta vez, decidira que não podia deixar ninguém para trás.

Anduin ouviu um barulho de pezinhos correndo, e uma menina surgiu à porta. Os cabelos trançados com botões-da-paz murchos, o rosto coberto de fuligem, exceto pelo filete por onde escorriam as lágrimas.

“Papai?”

“Ah, Cynda, meu bem, não...”

Eu falhei com vocês. Com todos vocês.

A muralha interna estremeceu.



Rodrik queria ser enterrado no alto das falésias, onde ele e Vera haviam noivado anos atrás, quando eram pouco mais velhos do que Ben.

Anduin cavaria a cova. Não havia por que dar trabalho a outra pessoa, e ele fazia questão disso.

Enquanto cavava, pensava em seus pertences, muito abaixo dos sete palmos de terra

que deslocaria. Jamais saberia se a Luz teria salvado Rodrik e teria que conviver com o fato de que tivera medo de apelar a Ela. Faria de tudo, do menor ao maior gesto, para ajudar a família enlutada, exceto por uma coisa: não compareceria ao funeral. Não suportaria ficar na presença de um emissário da Luz. Não naquele momento. Talvez nunca mais.

No dia, foi caminhar. Acompanhado da raposa, sua sombra. Voltou só na hora do crepúsculo, para garantir que todos já tivessem ido embora. Para sua surpresa, havia uma caixa à porta da cabana. Num pedacinho de pergaminho, lia-se: *Para você, Jerek. Obrigada.* A caixa estava repleta de pão, queijo, legumes e um pouco de carne embalada em pano de cera — até mesmo restos para a raposa.

Ele pegou um pedacinho. “Ei. Raposa”, chamou, dando-lhe o naco de carne.

O bilhete recordou Anduin do pergaminho deixado por Rodrik, que ele havia esquecido até então. Anduin o pegou e o ficou contemplando por um tempo.

Jerek:

Nós dois conhecemos a guerra. Ela mexe com a gente. Você tem o direito de sentir o que quer que seja. Raiva, tristeza, medo... Eu senti tudo isso e muito mais.

Eu o conheço melhor do que você imagina. Já ficou claro que você faz questão de cuidar bem do moinho. Vejo sua paciência e bondade na forma como cuida da raposa. Um homem que faz questão de tratar bem os animais, depois de ter passado pelo que imagino que você tenha passado, é raro. E ainda tem bom coração, por mais que ache que não.

Conversar com Vera me ajudou, e eu tinha esperança de que você conversaria comigo. Do contrário, espero que algum dia encontre alguém de confiança. Porque, se não tiramos a tampa quando ferve o caldo, alguém acaba se machucando, e às vezes não somos nós.

Para encerrar: às vezes temos que fazer coisas terríveis. E às vezes coisas terríveis são feitas conosco. Isso não faz de nós pessoas ruins, mas não podemos fugir para sempre. Se você não consegue acreditar em si mesmo agora, encontre alguém que acredite. Alguém que acredite até você estar pronto para acreditar também.

E quando a escuridão o cercar e o fizer sentir que jamais ficará livre dela, saiba que todos os dias você tem a escolha de olhá-la nos olhos e dizer que isso é mentira. Alguns dias, você não conseguirá tomar essa escolha. Mas em outros, pode ser que consiga.

Coma a comida temperadinha da Vera. Nade no mar, durma e trabalhe. Faça algo de bom quando puder, como puder, para quem puder. E venha jantar com a gente qualquer dia.

R.



Ben queria assumir a tarefa do pai de levar os grãos até o moinho, mas Anduin não deixou de jeito nenhum. Em vez disso, passou a buscar os suprimentos no vilarejo. Era o mínimo que podia fazer por eles. Por Rodrik.

Na primeira visita, Vera insistiu que entrasse na padaria para tomar chá e comer alguma coisinha. Ela queria que ele soubesse o que havia acontecido. A notícia de que havia riquezas na região chegara aos ouvidos de saqueadores, segundo ela.

“Ratos do mar. Vá por mim, Jerek, nas profundezas do mar não há monstro mais cruel do que os que navegam na superfície. Roddy nos trouxe para casa na carroça, depois voltou para salvar quem pudesse. Disse que daquela vez ele não fugiria.” Ela

mordeu o lábio. “Já que... era para perdê-lo, espero que tenha sido capaz de... antes de...”

“Ele foi”, afirmou Anduin, em tom baixo. “Ele foi.”

Ao ver o cenho da mulher se descontraír, ainda que sutilmente, ele soube que as palavras lhe haviam dado um pouco de paz.

Com o tempo, um novo ritmo e uma nova rotina tomaram forma. Anduin continuava trabalhando no moinho, mas ao pôr do sol quase sempre ia se sentar ao lado do túmulo do amigo. A raposa o acompanhava, se aninhava aos pés dele. Às vezes Anduin falava, como se Rodrik ainda estivesse ali, ouvindo tudo. Confissões em surdina, perguntas que Rodrik jamais responderia. Às vezes, arroubos de fúria. Ou então relia a carta e se lembrava de respirar.

Nas visitas ao vilarejo, Anduin às vezes ajudava Ben com a papelada, ou a carregar e descarregar as carroças. Vez ou outra, Vera pedia ajuda para sovar a massa. Passado um tempo, Anduin percebeu que ela o havia ensinado a fazer pão sem que se desse conta. Ela e Ben queriam falar de Rodrik, desejo que Anduin recebia com resistência. Só com o tempo percebeu... que ele *queria* ouvir aquelas histórias. Pequenos causos, na maior parte — uma tirada sagaz em hora oportuna, a paciência com a rebeldia dos filhos, uma fantasia tosca de Noturnália. Só Cynda parecia não querer falar do pai. Vera confidenciou a Anduin que era um alívio aquilo ter acontecido com Cynda ainda tão novinha. “Não vai se lembrar tanto”, ponderou ela, com um sorriso triste.

Mas Anduin sempre visitava o orfanato de Ventobravo. Tinha passado tempo com refugiados que haviam fugido para lá ao terem suas casas incendiadas. Íntimo dos caminhos tortuosos do luto e da culpa, ele não estava tão de acordo assim com Vera. Queria acreditar que ela tinha razão, mas essa frágil esperança foi destroçada numa manhã de aparente tranquilidade, junto de um bule que Cynda atirou no piso de pedra.

“Cynda!”, gritou Vera. “Isso foi presente de casamento do seu pai!”

“*Eu sei!*”, berrou Cynda de volta. “Ele não está nem aí para isso, por que você vai estar? *Ele* não estava nem aí para a *gente!*” Então apanhou uma das xícaras do jogo de chá e arremessou-a no chão também, escapulindo das mãos da mãe e correndo para fora.

“Cynda!” Vera fez menção de correr atrás da filha.

“Deixe-a”, aconselhou Anduin, ao que Vera lhe lançou um olhar severo. “Sei que ouvir isso magoa, mas... deixa-a sentir o que precisa sentir.”

Vera se acalmou.

Para a surpresa de ambos, Anduin prosseguiu: “Minha mãe morreu quando eu ainda era neném. E... meu pai...” A garganta apertava, mas algo o impelia a seguir em frente.

“Aconteceu alguma coisa, e ele partiu quando eu tinha a idade de Cynda. Depois voltou. As coisas melhoraram, mas... é difícil entender situações complicadas quando se é criança. Ela vai voltar e vai conversar com você quando der conta. Ela sabe que você...”

A ama era o que ele queria dizer, mas não foi capaz.

O sorriso doce de Vera se recompôs. “Você tem razão. Difícil se lembrar de respirar quando se está no olho do furacão. Você é um homem bom, Jerek. Roddy tinha razão quanto a isso. Sempre terá lugar para você aqui.”

Então, ele balbuciou um agradecimento e partiu.

Na visita seguinte, trouxe a raposa consigo. O bicho era arredio, mas Anduin sabia como remediar isso. Catou uma frutinha na tigela, em cima da mesa, e chamou: “Ei. Raposa.” Conseguiu a atenção do animal no ato, e a frutinha logo desapareceu na boca da raposa.

“Eu gosto de frutinhas também”, anunciou Cynda, encantada, e, imitando tanto a raposa quanto Anduin, jogou umas frutinhas goela abaixo e ofereceu um punhado para a criatura, que ficou agradecida.

“Não vai ter torta de fruta hoje, pelo visto, mas é bom vê-la sorrir”, comentou Vera, sorrindo também. “Sente-se aqui rapidinho, Jerek. Diga-me se isso aqui está gostoso. Leva mel e flores.”

O rolinho parecia minúsculo na mão imensa dele. O cheiro era maravilhoso, e pela primeira vez em muito tempo Anduin sentiu prazer genuíno em saborear algo. Terminou em duas bocadas. Os olhinhos de Vera brilharam. Ela lhe deu mais um rolinho.

“Ela gostou de você”, disse Anduin para Cynda. A raposa virou a barriga branca para a garota coçar. Ao receber o carinho, a raposa se desmanchou toda, emitindo uns barulhinhos agudos, como uma risadinha.

“Ela está rindo!”, falou Cynda, rindo junto. Então se voltou para Anduin, ainda sorridente, mas já mais triste.

“Mamãe me falou do seu pai e da sua mãe. Sinto muito.”

Anduin se voltou para Vera, surpreso.

“Ajudou”, disse Vera. “Ela ter ouvido sua história.”

“Sinto saudades do papai”, lamentou Cynda. Ela continuava afagando a raposa. “Mamãe falou que isso não vai passar, mas vai ficar mais fácil. E que temos uns aos outros.” Ela se voltou para Anduin, triste mas sorridente. “Não temos?”

Anduin estava prestes a responder quando percebeu que estava sendo incluído na afirmação.

Ah, não, minha menina. Eu não tenho ninguém. Um dia, eu vou decepcioná-la, assim como decepcionei todo mundo.



O tempo passou. Anduin trabalhou, manteve as mãos ocupadas. Os pesadelos foram escasseando, tornando-se raros. A ansiedade que às vezes surgia do nada já não lhe oprimia tanto a alma. E os flashbacks, aquelas lembranças infernais em que se podia praticamente tocar, haviam quase que cessado.

No fim, como parte dele sempre soubera que aconteceria, aquilo não durou para sempre.

Eles morreriam pelas suas mãos. Seus amigos. Aqueles que acreditavam nele, que estavam tentando salvá-lo. Ele os decepcionara.

A fumaça, a criança chorando, pedindo ajuda como podia...

Anduin despertou com um movimento brusco. O choro vinha da raposa, que o cutucava com a pata. As orelhinhas murchas, encolhidas.

Havia algo de muito errado. Deixando o sonho para trás, Anduin pôs-se a afagar o animal para acalmá-lo, levantou-se e foi olhar pela janela.

Ao sul, uma coluna fina e acinzentada se alçava aos céus.



*Ah, não, minha menina.
Eu não tenho ninguém. Um dia,
eu vou decepcioná-la, assim como
decepcionei todo mundo.*

Fumaça.

“Não”, sussurrou Anduin. Suas pernas bambearam.

Ele não podia falhar com eles. De novo, não. Não suportaria aquilo. Apesar do pavor a cada mínimo movimento, suas pernas o levaram adiante. Ele correu até a égua que puxava a carroça, correu até o pacote que enterrara. Ainda que não conseguisse desembrolhar a espada, por medo de agarrar o punho. E se não fosse capaz de parar? E se sentisse prazer demais ao empunhá-la? Não havia como saber, como garantir que se manteria sob controle.

Ainda assim, cavalgou até o vilarejo. Por Vera e Ben e pela pequena Cynda e pela promessa feita a um homem que o compreendeu, que confiou nele sem ter nenhum motivo para isso. Ele não tinha como saber o que Anduin fez, que traiu de forma atroz cada um de seus deveres.

No festival, a fumaça era preta e a estrutura já havia praticamente desabado por completo. Desta vez, a situação era diferente.

Só algumas estruturas pegavam fogo, e os saqueadores estavam apenas começando o ataque. A cacofonia, no entanto, era a mesma: gargalhadas. Gritos. Violência.

Anduin cerrou os dentes como se fossem um escudo para defendê-lo do medo. Saltou da égua e mandou-a para um lugar seguro. Com o punho direito cerrado, apoiado pelo punho esquerdo, pela primeira vez desde que partira dos reinos da Morte, Anduin Llane Wrynn brandiu a espada de seu pai.

A Shalamayne.

Muito mais que uma simples arma, gloriosamente forjada a partir de duas lâminas poderosas que se uniam em plena harmonia. Anduin deu um passo adiante, com uma expressão sombria, sem nenhuma armadura, mas com a espada lendária em punho. A espada cujo propósito ele fracassara em cumprir e que agora erguia na esperança de se redimir.

Um pirata se voltou para ele e empalideceu. Arregalou os olhos...

Os olhos arregalados de terror...

Por um instante terrível, Anduin ficou paralisado. Não conseguia respirar.

O salteador abriu um sorriso e soergueu um alfanje no ar.

A Shalamayne se abateu sobre ele traiçoeira e graciosa, ferindo o homem mortalmente.

Seu equilíbrio perfeito facilitava o manuseio, quase não exigia esforço. Seu gume cortava praticamente qualquer material e derrubava praticamente qualquer adversário. A brutalidade da cena deixou Anduin sem ar, mas a memória muscular assumiu dali em diante. Ele golpeava sem parar, a Shalamayne só faltava cantar de júbilo por mais uma vez ser usada em defesa dos inocentes. Ele e a espada, naquele instante, eram um só.

O sangue ainda morno salpicava-lhe o rosto, fazia arder os olhos, escorria boca adentro. Ele limpou os lábios e seguiu adiante. Tombou mais um e mais outro. Parou de contar, e o tempo parou de importar. Ele se movimentava como quem dança, sem pensar, sentindo apenas o poder de seu braço e ouvindo apenas a canção da espada. De um salto, fincou a Shalamayne quase até o punho, depois a arrancou para aparar os golpes inimigos.

O inimigo jazia no chão, mas Anduin continuou golpeando. A espada subia e descia...

Uma voz abafada se fez ouvir entre o caos. Uma palavra. Um nada sem sentido para ele naquele momento, naquele intervalo escarlate de tempo.

Um nome. Não era o nome dele... mas era um nome conhecido...

“Jerek! *Jerek!*”

Ao berros, Anduin ergueu a Shalamayne para desferir o golpe...

Cynda o encarava, com uma cara espantada, boquiaberta. Mas não sentia medo dele. Por ingenuidade e tolice, *ela não sentia medo*. Agarrou-se ao braço dele, dizendo coisas que ele não compreendia, mas que o consolaram e acalmaram.

Anduin...

O chamado foi sutil, mas a voz não pertencia à menina diante de seus olhos. Foi um choque que estilhaçou seus pensamentos num caleidoscópio de agonia e cores brilhantes. Uma canção cujas palavras ele compreendia mas não reconhecia, que vibravam em cada nervo do seu corpo. Uma voz que o chamava pelo seu nome verdadeiro.

Anduin, sussurrou ela, numa suavidade envolta em dor Uma imagem veio-lhe à mente: parecia o sol, branco e quente no miolo, reluzindo em tons de amarelo e magenta pelas bordas.

Anduin. Tão linda era aquela voz, aquela visão, mas de algum modo ele sabia que aquilo que contemplava corria perigo. Que em algum momento — e talvez não demorasse muito — aquilo poderia explodir.

A voz o chamava. Precisavam dele.

Não, rogou Anduin, sem saber a quem ou a quê. *Precisam de mim aqui. Por favor.*

Anduin... veio-lhe a resposta implacável, e ele sentia o pesar e o tormento naquela voz.

O toque no braço o trouxe de volta à realidade e, com um susto, a visão se desfez. Cynda continuava ali, com a mesma expressão preocupada. “Você está bem, Jerek?”

Então, Anduin viu os cadáveres estatelados ao seu redor. Viu Vera e Ben, que se abraçavam, olhando-o com simpatia e gratidão, viu os moradores do vilarejo em choque. Não se ouviam mais gritos nem berros. Ele havia lhes trazido o silêncio. Quantas pessoas havia matado, sem nem sequer...

Contemplou a Shalamayne como se a visse pela primeira vez.

A lâmina não emitia luz alguma.

Nem dourada, mas felizmente nem aquela luz azul gélida.

A espada foi ao chão com estardalhaço, e Anduin caiu de joelhos, ofegante, olhando para Cynda. “Por que você fez isso? Eu... Eu poderia ter *matado* você.”

Ela sorriu, acanhada. “Eu sabia que você não faria isso.”

Os olhos de Anduin se encheram de lágrimas.



“Queria poder ficar”, disse Anduin para Rodrik, para o vento, para si mesmo.

Já havia limpado o sangue da Shalamayne, buscado sua velha armadura na caverna, onde ela havia permanecido intocada pelo que pareceu uma eternidade. Já havia arrumado a cabana, alimentado as cabras e as galinhas e organizado as sacas de grãos. Agora, estava sentado ao lado do túmulo do amigo, protegido pela armadura, com a Shalamayne à sua direita e a raposa, de olhos fechados enquanto recebia um afago nas orelhinhas, à sua esquerda.

“Mas sei que você entenderia. Obrigado. Por tudo o que me ensinou.”

Ele pegou a carta de Rodrik e enfiou-a no bolso.

De repente, a raposa se pôs em posição de alerta, mirou a estrada e saiu correndo em direção a ela. Anduin pensava que já havia se despedido dos Feldons quando Cynda, em sua fé ingênua, rompeu o feitiço da violência que se apossou dele. Por enquanto. Mas não ficou de todo surpreso quando viu a carroça de Rodrik subindo a estrada com os três Feldon dentro dela.

“Você é um tolo se acha que vamos deixá-lo partir sem comida e suprimentos”, atçou Vera, enquanto Ben parava a carroça.

Anduin não saiu do lugar. “Agradeço, mas quero viajar sem peso.”

“Minhas quitandas são leves”, retrucou Vera.

Anduin não tinha como discordar.

“Jerek”, disse Ben, “essa espada...”

“Não faltam aventureiros errantes com espadas por aí, Ben”, cortou-o Vera. “Você sabe que seu pai detestava enxerimento.”

“Não tem problema, Ben.” E, por incrível que parecesse, não tinha mesmo. Não importava se alguém reconhecesse a ele ou à Shalamayne.

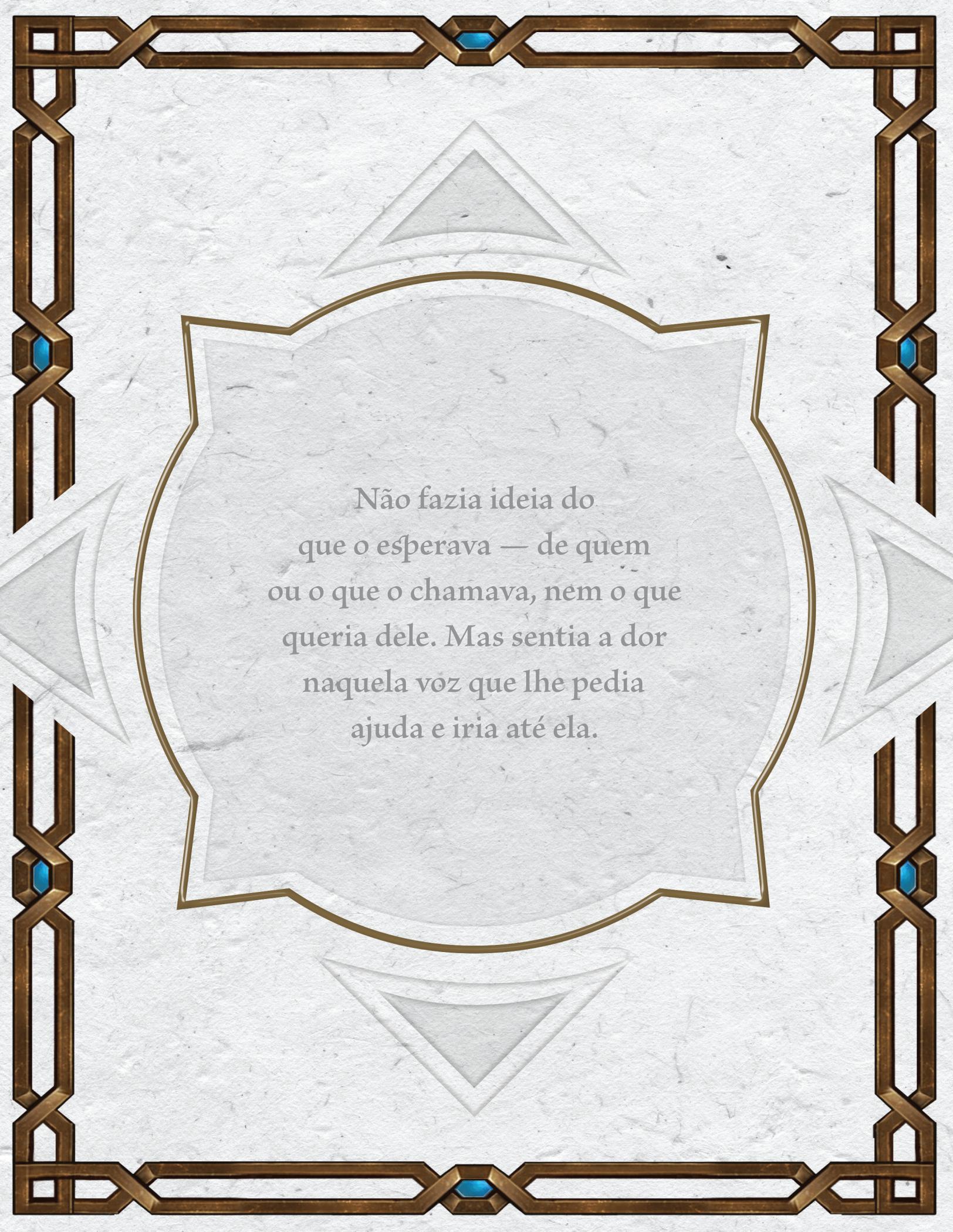
“Você não pode ficar, Jerek?”, perguntou Cynda, correndo até ele. E ao vê-lo balançar a cabeça, acrescentou: “Você volta?”

“Não posso”, respondeu ele. Não fazia ideia do que o esperava — de quem ou o que o chamava, nem o que queria dele. Mas sentia a dor naquela voz que lhe pedia ajuda e iria até ela. “Eu...” Tentou falar, mas faltaram-lhe as palavras. Quando foi ver, Cynda havia se atirado sobre ele, dando-lhe um abraço apertado. Anduin ficou paralisado. Depois, deu-lhe uns tapinhas nas costas, sem jeito.

“Deixe o moço ir embora, Cynda”, mandou Vera. A menina obedeceu, relutante. Vera lhe deu um saco pesado com comida, água, poções e outros suprimentos. Anduin aceitou com um aceno de cabeça, depois apanhou a Shalamayne embrulhada em seu manto.

“Não sei aonde você vai, mas espero que encontre alegria e proteção aonde for.”

Ele não conseguiu responder, só balançar a cabeça. Então, se virou para ir embora,



Não fazia ideia do
que o esperava — de quem
ou o que o chamava, nem o que
queria dele. Mas sentia a dor
naquela voz que lhe pedia
ajuda e iria até ela.

ciente de que se continuasse ali mais um minuto, talvez não conseguisse sequer partir. Mal tinha dado três passos quando um borrão vermelho se lançou sobre ele, a ponto de derrubá-lo.

Anduin estacou.

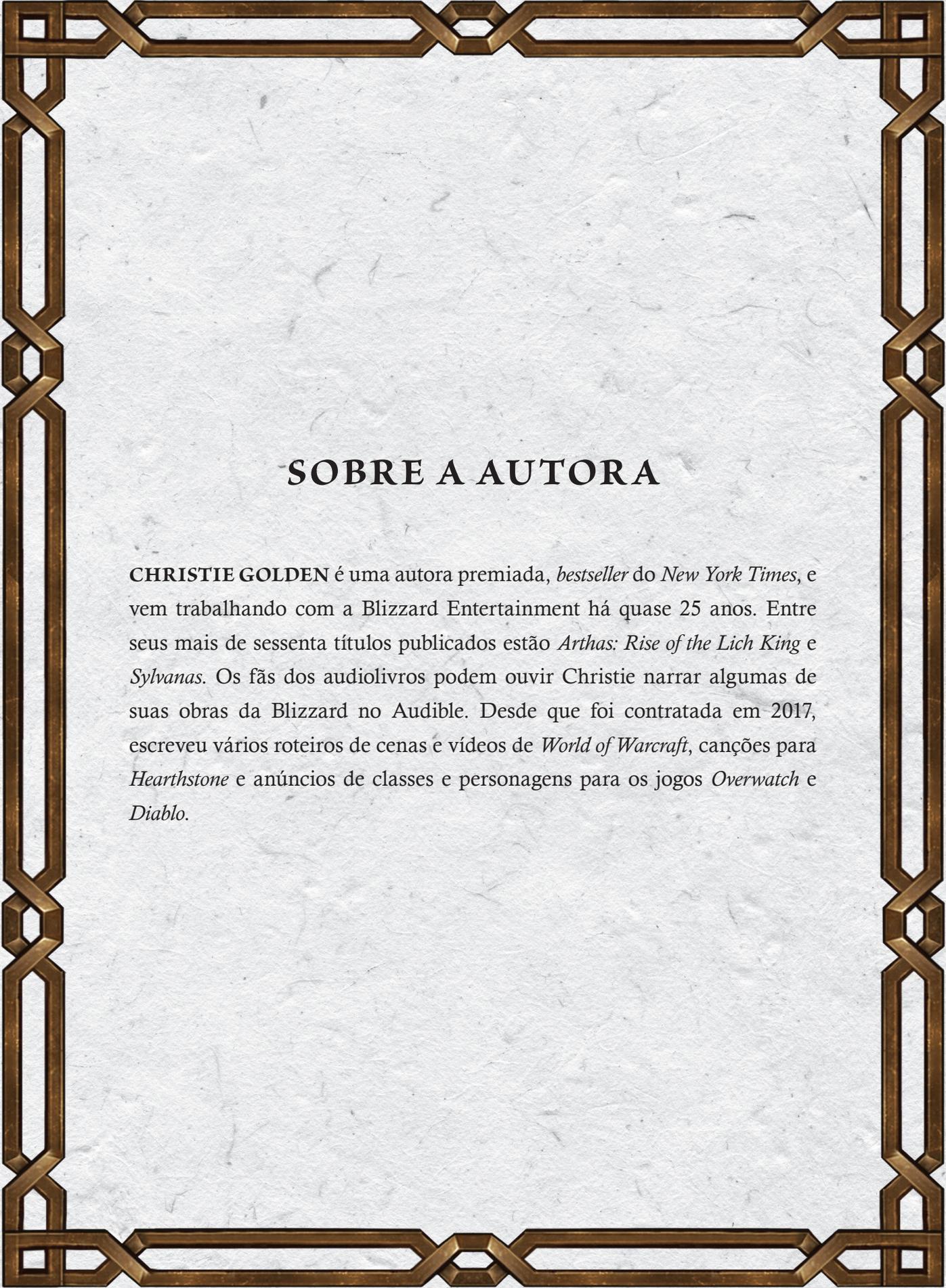
Ele se ajoelhou e pegou o Raposa no colo — *“o Raposa”, não a raposa ou uma raposa, não mais. É claro que ele tinha dado nome ao bichinho, só não tinha percebido.* Raposa lambeu-lhe as lágrimas, e Anduin deu um abraço apertado nele. Aonde ele iria, Raposa não poderia ir junto. Para suportar o que o aguardava, Anduin precisava saber que aquela família, inclusive Raposa, estavam sãos e salvos. Por isso levou o bichinho até os braços de Cynda.

“Segure o Raposa”, instruiu Anduin. “Não deixe ele vir atrás de mim. Ele é seu agora.”

Com os olhos cheios de lágrimas, Cynda aquiesceu, apertando a criatura que se debatia e choramingava, arranhando de leve os bracinhos da menina.

Sozinho, Anduin encarou a estrada. Trazia os pés pesados, mas não corria mais. Recebera um chamado — para longe de seus amigos, sim, mas para perto de algo que precisava de sua ajuda. Ainda não confiava em si mesmo, mas seus amigos confiavam. Isso teria que bastar, enquanto ele pelejava para se reconciliar com o passado.

No entretanto, seguiria aquele chamado, iria atrás do que quer que fosse que o aguardava.



SOBRE A AUTORA

CHRISTIE GOLDEN é uma autora premiada, *bestseller* do *New York Times*, e vem trabalhando com a Blizzard Entertainment há quase 25 anos. Entre seus mais de sessenta títulos publicados estão *Arthas: Rise of the Lich King* e *Sylvanas*. Os fãs dos audiolivros podem ouvir Christie narrar algumas de suas obras da Blizzard no Audible. Desde que foi contratada em 2017, escreveu vários roteiros de cenas e vídeos de *World of Warcraft*, canções para *Hearthstone* e anúncios de classes e personagens para os jogos *Overwatch* e *Diablo*.